



# No meio da Amazônia

Acre realiza saneamento  
ambiental integrado

*"A água potável segura e o saneamento adequado são fundamentais para a redução da pobreza, para o desenvolvimento sustentável e para a prossecução de todos e cada um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio".*

Ban Ki-moon, Secretário-Geral da ONU



# EXPEDIENTE

**Sebastião Afonso Viana Macedo Neves**

Governador

**Nazareth Mello Araújo Lambert**

Vice-governadora

**Márcio Veríssimo Carvalho Dantas**

Secretário de Estado de Planejamento

**Andréa Laiana Coelho Zílio**

Secretária de Estado de Comunicação

**Edvaldo Soares de Magalhães**

Diretor Presidente Departamento Estadual de Pavimentação e Saneamento

**Quesnay Souza de Lima**

Diretor Executivo de Projetos Especiais  
Secretaria de Estado de Planejamento

**Aloisio Mestriner Detomini**

Coordenador ProAcre Secretaria de Estado de Planejamento

**Claudia Lima Saldanha**

Diretora Executiva de Acompanhamento da Gestão Secretaria de Estado de Planejamento

**Fabiano de Araújo Cruz**

Engenheiro Fiscal - Porto Walter

**Leandro Costa de Lima**

Coordenador do Programa de Saneamento Ambiental Integrado no Depasa

**Charlene Brilhante de Carvalho**

Assistente Social Secretaria de Estado de Planejamento

**Anderson de Aguiar Mariano**

Diretor Técnico Departamento Estadual de Pavimentação e Saneamento

**Enrique Mateo Martinho**

Engenheiro Fiscal - Marechal Thaumaturgo

**Antônio Lima Rodrigues**

Engenheiro Fiscal-Jordão

**Eder Fidelis da Silva**

Gestor de obras Jordão e Porto Walter

**Ana Paula Onofre Barros**

Gestora de Obras - Marechal Thaumaturgo

**Rostenio Ferreira de Souza**

Consultor de Engenharia Secretaria de Estado de Planejamento

## PRODUÇÃO EDITORIAL – SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO (SEPLAN)

Textos – **Arison Jardim**

Fotografias – **Arison Jardim, Elynalia Lima, Pedro Devani e Gleilson Miranda**



An aerial photograph of a wide, muddy river. A long barge is positioned in the middle of the river, carrying several pieces of construction equipment, including a yellow excavator and a truck, along with large blue tarps covering materials. A smaller boat is visible in the distance. The riverbank on the left is lined with dense green vegetation. The image is partially obscured by a large teal graphic element on the right side of the page.

# SUMÁRIO

Introdução Governo e Proser .....	8
Modelo acreano de desenvolvimento .....	12
Etapas do processo.....	18
O Grande desafio das obras .....	24
Entrevista com Engenheiro Leandro Costa de Lima .....	26
Entrevista com Edvaldo Magalhães.....	34
Ciclo completo do saneamento.....	40
Acre realiza saneamento e melhora cenário urbano em municípios isolados .....	42
Água é para todos .....	48
Relação social .....	57
Entrevista com Márcio Veríssimo, secretário de Planejamento do Acre.....	62
Perfil de cada Município .....	74
Identidade e avanço social no Jordão, uma cidade na floresta do Acre.....	78
História entre pais e filhos .....	86
Brincadeira de criança virou profissão.....	90
Cultura tradicional e avanço social .....	92

## Introdução Governo e Proser

**“Vejo que o desenvolvimento do Acre está chegando às populações mais isoladas”,** afirma Adriana Moreira, gerente de projetos do Banco Mundial ao avaliar o Programa de Saneamento Ambiental e Inclusão Socioeconômica do Acre (Proser).

Nos últimos 16 anos, o estado tem sido palco de uma profusão de projetos positivos, que carregam a cultura amazônica com o desenvolvimento sustentável de sua gente.

Da educação à agricultura, o Acre tem experimentado políticas públicas eficientes no avanço econômico e social da população. Parte disso, tem sido promovido a partir do Programa de Inclusão Social e Desenvolvimento Econômico Sustentável do Estado do Acre (ProAcre). O programa é o esteio dos investimentos que o governo implementa para garantir a presença do Estado levando serviços básicos e estruturantes às Zonas de Atendimento Prioritário (ZAPs) nas comunidades mais distantes.

Agora o ProAcre entra em nova fase com o Proser, que se constitui em um financiamento adicional, alcançando mais de R\$ 100 milhões em investimentos, que irá beneficiar mais de 155 mil famílias em todo o estado.

**“O Proser inclui, principalmente entre as ações, essa questão de água e saneamento nos quatro municí-**



**pios de difícil acesso: Jordão, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter e Santa Rosa do Purus”,** explicou Adriana Moreira, em junho de 2013, durante o processo de implementação do programa.

Três anos depois, Adriana esteve novamente no estado e pode observar os primeiros avanços das obras do Proser e também as conquistas sociais ao longo dos anos:

**“Vejo que o desenvolvimento do Acre está chegando às populações mais isoladas. A primeira vez que eu estive aqui foi em 1986 e, vemos claramente, devido não só aos investimentos do banco, mas aos investimentos contínuos dos últimos governos, um impacto na vida das populações rurais com melhoria de vida clara na nutrição, nas condições de vida, com acesso à eletricidade e bens de consumo, coisas que não encontrei na primeira vez que vim aqui”.**

O PROSER tem como objetivo promover a inclusão socioeconômica e ambiental de áreas isoladas e vulneráveis, beneficiando mais de 155 mil famílias em todo o estado.



## Modelo acreano de desenvolvimento

Os governos da Frente Popular do Acre, desde o ano de 1999, optaram por estimular o crescimento econômico do estado, aumentar todos os seus indicadores de qualidade de vida e frear o desmatamento, despertando a consciência de que a floresta em pé é uma das maio-

res riquezas de um estado. Mas antes disso tudo, teve muita luta, com vitórias e vidas perdidas.

A história e identidade do Acre pautaram, desde o começo destes governos, as ações econômicas e sociais. Trajetória que começa com os processos de imigração,

passa pelas lutas sociais dos seringueiros e em seguida dos trabalhadores rurais, até os últimos 16 anos. Nesta última etapa cronológica, incorporando a cultura dos povos da floresta, desenvolver o estado com programas públicos sustentáveis, um paradigma da contemporaneidade.



O Acre está há 16 anos desenvolvendo uma nova economia, enriquecendo sua cultura e dando dignidade a sua gente

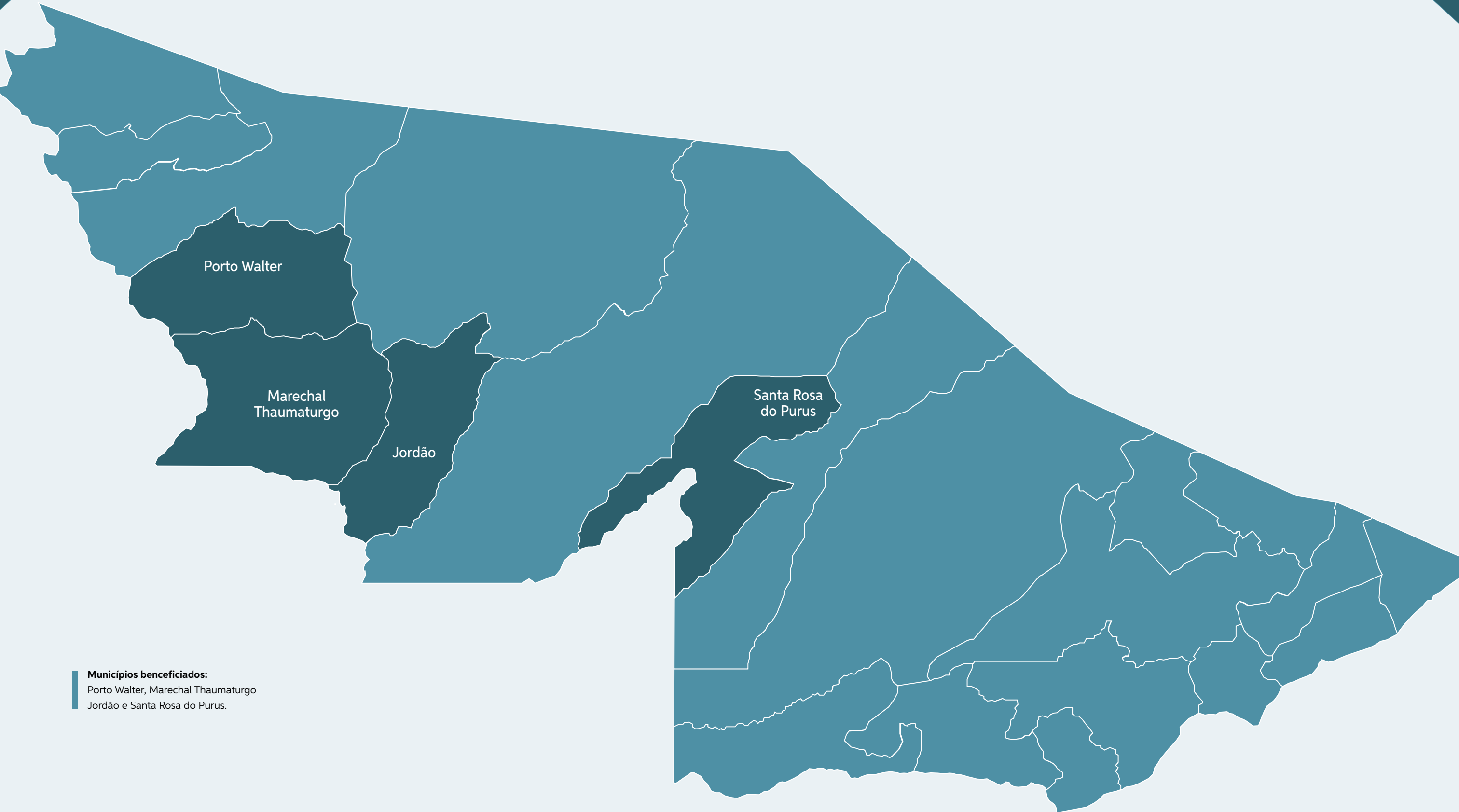




Um dos passos é levar qualidade de vida para os moradores da imensa floresta amazônica. Os municípios que vão receber as obras de saneamento ambiental integrado estão no coração dessa floresta. Vivem um processo de urbanização, mesmo que seus moradores ainda mantenham a relação próxima com a natureza.

A dignidade dessas famílias aumenta com uma cidade organizada, implantação de sistemas de saneamento ambiental e com a possibilidade de não se preocuparem com condições impróprias em seu habitat.

**“A parte de saneamento é um indicador fantástico para qualidade de vida de uma comunidade. Saneamento, saúde, pavimentação são ótimos indicadores e estamos fazendo no Acre investimentos fortíssimos nessas áreas, depois disso vem o desenvolvimento econômico”,** esclarece o governador Tião Viana.



**Municípios beneficiados:**  
Porto Walter, Marechal Thaumaturgo  
Jordão e Santa Rosa do Purus.

## Etapas do processo

*Para o bom caminhar do programa, algumas etapas têm que ser realizadas uma após a outra com bastante estudo e acompanhamento da população. Depois que a proposta técnica é organizada, tem que ser aprovada tanto internamente pelo banco financiador, Ministério do Planejamento, Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional e também pelo Senado.*





*"As visitas foram muito interessantes porque vimos coisas que tinham sido planejadas e a boa execução de projetos na área de saúde, educação, produção rural", afirma Maria Madalena dos Santos, especialista em educação.*

Parte desse estudo foi realizado baseado na experiência do programa ProAcre, realizado pelo governo do Acre com financiamento do Banco Mundial, desde 2009, e estruturado no Planejamento Territorial Integrado, tendo como referência o Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE/AC).

Em 2012, parte da equipe do Banco Mundial visitou o estado para avaliação desse programa.



O Proser agora prevê o estabelecimento e a continuidade de ações voltadas para a garantia do acesso à educação de qualidade, no atendimento e na prestação de serviços de saúde, fortalecimento e consolidação da produção sustentável e pequenos negócios e a ampliação e melhoria do sistema de saneamento ambiental integrado, por meio do tratamento e distribuição de água, coleta e tratamento dos esgotos, pavimentação e drenagem, coleta seletiva de lixo.



Consultas públicas foram realizadas nos municípios que vão receber as obras de saneamento, como também reuniões comunitárias, audiências públicas para a apresentação e discussão com os moradores sobre o projeto que seria feito. Foram apresentados a quantia de recurso disponível e quais os trabalhos que serão realizados. Isso tudo foi discutido com a comunidade, convidando os vereadores e prefeitos em cada município.

Depois das audiências públicas ocorreram algumas alterações no projeto, pois a comunidade podia colocar sua necessidade de fato. Conforme a obra vai alcançando as comunidades, por vezes há a necessidade de adequar o projeto.



# O Grande desafio das obras

*“Pra mim, enquanto engenheiro, é um desafio que talvez muitos não vão ter, porque eu estou tendo a oportunidade de fazer uma cidade” – Leandro Costa de Lima*

*Com frente de trabalho em três cidades diferentes, cada uma com uma peculiaridade no solo, em sua base e também quanto à logística, as obras do Saneamento Ambiental Integrado, pelo Proser, desafiam a engenharia moderna. Desde o solo em formação em Marechal Thaumaturgo, até o ambiente alagadiço de um bairro em Jordão, os engenheiros das empresas executoras e do Depasa tentam descobrir novas formas de trabalho. O engenheiro Leandro Costa de Lima, responsável pelas obras no Depasa, explica em uma entrevista os diferentes percalços percorridos nesses primeiros anos de obra.*





## Entrevista com Engenheiro Leandro Costa de Lima

### **Como tem sido o processo de planejamento para essas obras?**

As quatro cidades têm algo em comum, que é o difícil acesso. Para poder chegar nelas a gente tem que prever o período de cheia dos rios para poder transportar os insumos e ter a obra feita.

Além disso elas têm o perfil diferente. Marechal Thaumaturgo é a que tem o perfil mais diferente, porque tem o relevo acidentado, aí a rede de esgoto foi bem mais complexa do que as demais. Quanto ao projeto de água, apesar de ter dois

rios, hoje a captação dá-se no Juruá, que tem muita vazão e turbidez. Com isso tivemos que mudar do Juruá para o Amônia, em um local mais isolado, pra não ter dejetos no tratamento da água.

Em Porto Walter a gente teve um problema de implantação, porque lá tinha duas cerâmicas, mas elas não tinham capacidade de fornecer tijolo para a pavimentação. Assim, focamos em fazer a infraestrutura. Fizemos a rede de esgoto, de água, de drenagem, o quanto deu. Tivemos uma conversa com o banco e, mesmo querendo fortalecer a

economia local, não tinha como continuar só com essas cerâmicas. A gente tinha necessidade de uma quantidade muito grande e a produção da cerâmica era muito pouca. O banco cedeu que nós pudéssemos transportar de Cruzeiro do Sul à Porto Walter esse insumo. É tanto que Porto Walter já tem rede de esgoto, rede de água quase toda implantada e agora nós estamos na fase da pavimentação.

Já no Jordão a gente conseguia ter os insumos, o agravante de lá é o rio, bem inconstante. Está cheio e em dois dias no

máximo já está seco e não consegue passar mais nada. O transporte dos insumos deu-se por etapas: saía de Tarauacá, parava no Seringal Alagoinha, esperava dar uma chuva para poder chegar em Jordão. Geralmente vai por balsa, mas tinha época do ano que era impossível transportar por balsa e seguia por embarcações pequenas mesmo, canoas de maior porte, batelão. O problema é que os insumos são muito pesados, não tem como transportar brita. Um metro cúbico de brita já é peso suficiente para uma embarcação, essa dificuldade fez com que Jordão tivesse esse impasse na evolução da obra.

**Além do acesso, quais outros tipos de dificuldades são encontrados neste tipo obra?**

Jordão tem em parte do Bairro Novo uma área que fica no fundo de vale, ou seja, é uma área alagadiça. Quando a gente começou a fazer o processo de escavação para trocar o solo, fazer base e implantar rede de esgoto a gente percebeu que o solo lá tem uma péssima qualidade. Tínhamos que fazer escavações de um metro de profundidade pra trocar solo e isso ficava muito oneroso. Demos uma parada para pensar qual metodologia usar.

Em Marechal Thaumaturgo, o solo tá em formação, ou seja, você não consegue fazer qualquer escavação sem causar um grande impacto. Nós fizemos uma escavação de uns 150 me-

tros por 80 de largura para implantar uma rede de drenagem, quando a gente terminou, implantamos também interceptor nas áreas que ficam na margem dos córregos para poder captar o esgoto que a população joga. Quando terminamos, deu uns dois meses e começou a chuva. Todo o platô começou a se mover, moveu de tal forma que os interceptores que a gente plantou foram perdidos, os dispositivos de esgoto que a gente plantou também já não tiveram mais função.

O movimento foi tão grande que começou a trazer as casas e fazer indenização, teve que remanejar famílias. Lá o que nós fizemos até hoje a gente viu que como tava no projeto não era o suficiente, a gente precisava modificar o que tava planejado.

**Quais foram os próximos passos para a resolução desse problema?**

O banco faz sempre uma vistoria de seis em seis meses, de três em três meses, depende muito da agenda deles. Mas diferente dos outros, ele quer acompanhar se o investimento realmente está sendo aplicado da melhor forma, aproveitamos muito disso pra poder trocar experiências. Assim, apresentamos para o consultor do banco. O solo da região não tem suporte pra resistir conforme está dimensionado no projeto. Uma das alternativas foi proposta pelo Henrique Mateu, um engenheiro que já tem bastante experiência. Ele começou a fazer ensaios, a gente perfurou cada rua pra saber qual era o índice de suporte, via como é que tava e a gente fez o traço pelo método convencional que é base sobre base.

A gente percebeu que o reforço subleito tinha que dar cerca de um metro de profundidade, mais base de trinta e cinco, sub-base de quarenta. Isso ia ficar muito oneroso pro projeto. Aí a gente tentou achar uma nova tecnologia que conseguisse resistir à isso e que nos desse a garantia do serviço.

A gente procurou, ele fez um estudo, entrou em contato com as empresas. Decidimos adotar a tecnologia de placas de concreto de 6 X 6, ou a largura da rua, podendo ser mais ou menos. Elas terão 20 cm de espessura, composta por uma malha de ferro com o objetivo de evitar as trincas. A escolha por esse tipo de pavimento se justifica em função de não ser preciso fazer grandes movimentações de solo, uma vez que o concreto já se mostra eficaz para as solicitações.



### ***Voltando para o Jordão, quais métodos foram usados no Bairro Novo?***

Como a gente estava tendo que escavar muito, uma grande profundidade, a gente também redefiniu como ia fazer essa pavimentação, é tanto que lá pra poder dar a resistência que a gente quer, está sendo utilizado cimento na composição do solo. É feito uma mistura do material granular, argila, cimento, areia e agregado graúdo para poder dar o mínimo de índice de suporte e o serviço ter garantia.

Como essa região do Bairro Novo é área alagada, prevemos todo o projeto de drenagem para que no verão a gente tenha trafegabilidade e no inverno não perca o trabalho. Estamos fazendo essas linhas de drenagem, vendo pra onde vai escoar, achando o melhor canto pra não fazer que tenha retrabalho, porque retrabalho é um problema tanto para a administração quanto para a empresa. Não se paga retrabalho e a empresa de qualquer forma tem que dar garantia.

### ***Quanto a Porto Walter, como tem sido o processo?***

Em Porto Walter a gente conseguiu corrigir o traço da base e da sub-base com um pouco de cimento, um pouco de brita e areia, mas não foi tanto quanto está sendo usado e vai ser usado em Marechal ou Jordão. Em Porto Walter o maior problema era que as ruas tinham um traçado de pista, mais canteiro central, com postes no meio. Decidimos, junto com o Banco, em fazer um lado, e quando tiver



um outro investimento e quando a cidade crescer faz o outro, a outra via.

O problema é o seguinte: de acordo com o traçado que tinha, alguns postes estavam locados no meio da rua. Tivemos que fazer uma readequação para remover esses postes da rua, realocá-

-los da melhor forma possível. Vamos fazer 86 realocações de poste. Nessa última medição já teve 41 realocações, porque o serviço de pavimentação já tinha começado.

Começamos pela infraestrutura e, como eu disse, o material para pavimen-

tar que existe lá, o tipo de cerâmica que existe lá, nós não tínhamos uma qualidade suficiente e satisfatória e, o principal, a gente não tinha quantidade para poder atender a demanda das ruas. Agora como estão transportando de Cruzeiro do Sul já está conseguindo atender essa necessidade.

**Qual sentimento em poder participar de um projeto com essa dimensão?**

Pra mim, enquanto engenheiro, é um desafio que talvez muitos não vão ter, porque eu estou tendo a oportunidade de fazer uma cidade. Eu e nossa equipe conseguimos implantar tudo dela e atender todas as necessidades. Além dessas obras, que é rede de água, rede de esgoto, infraestrutura e pavimentação, o

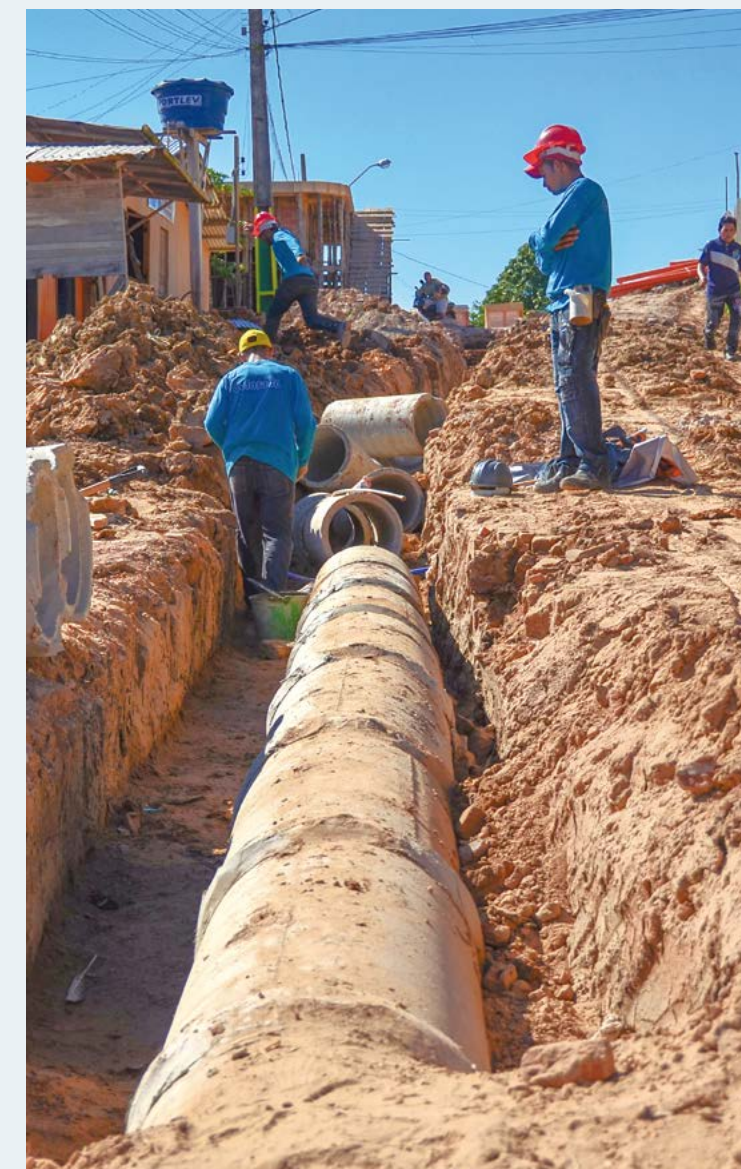
banco disponibilizou um projeto para atender a coleta de lixo e o tratamento desse lixo. Em cada um desses municípios vai ser instalado um aterro sanitário, atendendo todas as normas.

**Nesse tempo de execução das obras, quais foram as maiores dificuldades?**

A maior dificuldade é prever a quantidade de insumos que vai necessitar para

executar num determinado período. O cronograma tem que ser muito bem planejado, porque se faltar certo insumo tem que esperar mais seis meses ou um ano pra poder conseguir transportar novamente. Se não fizer um planejamento adequado, não tem como conseguir. Tem o problema do cimento, que tem validade, ou seja, o cimento que levar já tem que arrumar destinação certa, porque senão ele não vai mais servir. Você

tem que planejar muito bem o que você vai executar para poder ter condição de tocar o verão todo, como a gente diz. Para poder tocar o verão você tem que levar todo o insumo suficiente no inverno senão a obra não consegue fluir. Aí equipamento, manutenção, combustível, você tem que pensar já em todo momento como vai utilizar, se não se perde, esse é o principal desafio: a logística e o planejamento da obra.



# Entrevista com Edvaldo Magalhães

*O diretor-presidente do Departamento Estadual de Pavimentação e Saneamento (Depasa), Edvaldo Magalhães, em entrevista fala dos desafios e por que o governo do Acre decidiu implementar uma ação tão grandiosa em saneamento em locais tão distantes.*



Historicamente, Porto Walter, Thaumaturgo, Santa Rosa e o município de Jordão, pela sua condição de difícil acesso, foram os municípios que ao longo dos anos também tiveram mais dificuldade de receber investimentos de infraestrutura, e por tanto, municípios que sempre figuraram nas listas dos baixos Índices de Desenvolvimento Humano. O estado do Acre, já há mais de uma década e meia vem fazendo uma política de desenvolvimento sustentável e de inclusão socioprodutiva que leva em consideração o conjunto da sua comunidade, não aqueles que habitam os grandes centros urbanos ou áreas rurais de fácil acesso, mas olhando para o conjunto da sua população, inclusive as suas comunidades tradicionais.

Em função disso, o governador Tião Viana tomou uma decisão ousadíssima: reservou de uma operação de crédito com o Banco Mundial uma grande parte, aliás a maior parte se tratando de investimentos de programas, pra investir em quatro municípios de difícil acesso, e o olhar é levar pra essas comunidades o acesso ao saneamento integrado que as comunidades dos centros urbanos...dos municípios mais tradicionais do nosso estado têm já há algum tempo, e ter um plus a mais, transformar esse investimento em referência não apenas para o Acre, região Norte ou Amazônia...mas também para o Brasil. É o que tá acontecendo nesse momento em Thaumaturgo, em Porto Walter, no município de Jordão e que já começou a acontecer também no município de Santa Rosa.



### **A condição de viver nessas cidades vai melhorar?**

Olha, você imagina morar na cabeceira de um rio, conhecer as comunidades tradicionais do seu local, se deslocar para estas comunidades de barco e ter acesso à água tratada, tratamento de esgoto e poder andar em qualquer lugar da sua pequena cidade sobre algum pavimento...é um dos melhores lugares pra se viver no mundo, não é só na Amazônia, você ter uma comunidade com esse tipo de investimento que garanta esse tipo de infraestrutura. O que nós vamos ter nesses quatro municípios isolados é uma condição de vida e de saúde invejável pra qualquer outra comunidade do nosso país, é só comparar os níveis de tratamento de esgoto de uma cidade como São Paulo e Rio de Janeiro, e comparar os índices de tratamento de esgoto que vai acontecer nesses quatro municípios isolados.

**Você, enquanto gestor público e militante das melhorias sociais, como se sente podendo fazer parte deste trabalho?**

É desafiador e prazeroso. Primeiro você tem que aprender rapidamente pra não dar cabeçada demais, depois você precisa fazer aquilo que eu já gosto de fazer...é preciso estar presente nesses lugares distantes, porque é o olho do dono que faz com que a obra ande. A missão que o governador nos deu num prazo relativamente curto, pra ser realizado exige uma presença da equipe técnica constante e um acompanhamento do desenrolar do cronograma digamos, de quem está à frente do departamento de saneamento do DEPASA, no meu caso, permanente. Então estar presente é uma necessidade, agora, estar presente é prazeroso, é você ver cada coisa nascer do zero, se desenrolar, crescer, perceber a alegria da comunidade...hoje mesmo visitando esta rua aqui em Marechal Thaumaturgo percebendo a alegria da comunidade de ver algo novo acontecendo, as pessoas até não acreditam no que está havendo, no que está tocando, no que está pisando, então é uma mudança nos padrões de desenvolvimento humano desses municípios e não é nenhum exagero dizer que é uma revolução o que está acontecendo nesses municípios.



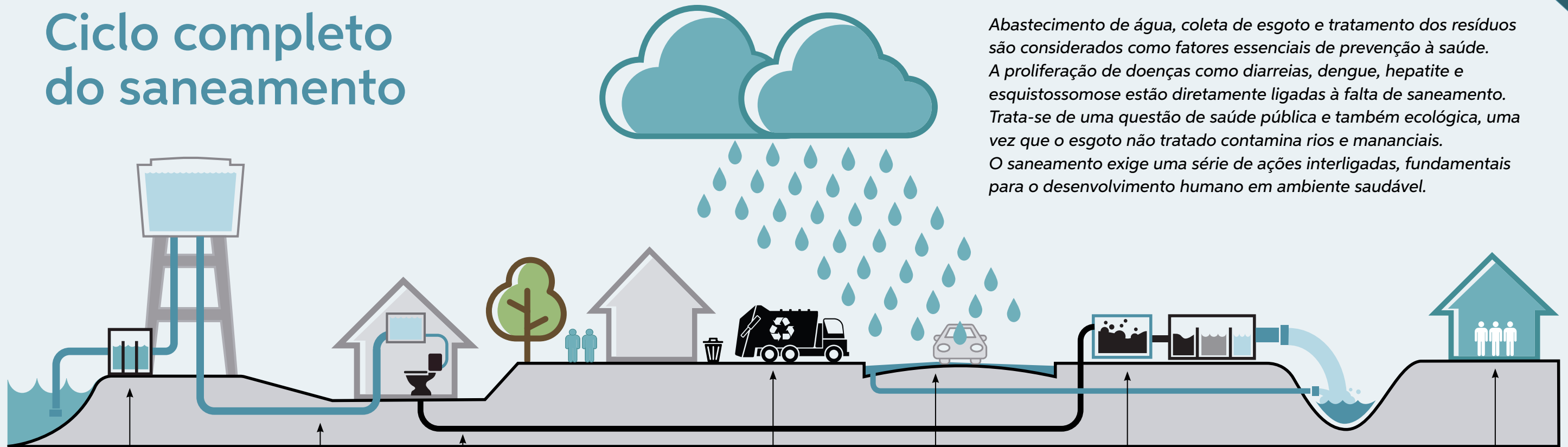
**Como será o futuro dessas cidades?**

Eu acredito que daqui há dez, quinze, vinte, trinta, quarenta anos, esse legado vai estar marcado na história desses municípios, nós vamos ter uma geração de crianças que vão poder contar as suas histórias porque não vão morrer na sua primeira infância, em função das

contaminações que acontecem quando você não tem uma água tratada nem um esgoto devidamente tratado. Então é uma geração nova que vai viver melhor e muitos que vão poder viver em função destes investimentos, portanto nós estamos fazendo algo que é: plantar um futuro melhor pra essas comunidades, isso vale a nossa passagem no governo.



# Ciclo completo do saneamento



Abastecimento de água, coleta de esgoto e tratamento dos resíduos são considerados como fatores essenciais de prevenção à saúde. A proliferação de doenças como diarreias, dengue, hepatite e esquistossomose estão diretamente ligadas à falta de saneamento. Trata-se de uma questão de saúde pública e também ecológica, uma vez que o esgoto não tratado contamina rios e mananciais. O saneamento exige uma série de ações interligadas, fundamentais para o desenvolvimento humano em ambiente saudável.

## 1 Tratamento de água

**Todas** as casa devem receber água tratada e de qualidade. Ela pode ser retirada de rios, mananciais ou poços subterrâneos. Na estação de tratamento, processos físicos e químicos retiram toda a areia e os poluentes, garantido que a água esteja limpa e pronta para consumo humano.

## 2 Tratamento de água

**A água** precisa ser fornecida regularmente, sem racionamento, na quantidade necessária para higiene e alimentação de todas as pessoas que moram numa residência. Segundo especialistas, poços artesanais devem ser evitados, pois a água sai com muita concentração e ferro.

## 3 Coleta de esgoto

**Todo o esgoto** produzido nas residências tem que ser afastado por meio de tubulação subterrânea, garantido que crianças e adultos não entrem em contato com sujeira. A céu aberto, o esgoto vira foco de contaminação, principalmente para crianças.

## 4 Coleta de lixo

**O recolhimento** e destinação final dos resíduos sólidos é responsabilidade das prefeituras, que não podem deixar que o lixo acabe chegando aos cursos d'água. O chorume é um dos maiores poluentes de rios e mananciais.

## 5 Drenagem urbana

**A água** da chuva deve ser escoada em direção aos cursos d'água, para que sigam seu curso natural e não causem inundações e alagamentos. As entradas das galerias precisam estar protegidas por grades.

## 6 Tratamento de esgoto

**A lei** de saneamento determina que todo o esgoto coletado em uma cidade deve receber tratamento apropriado antes de ser devolvido à natureza. Geralmente, do esgoto que sai da sua casa, 99,8% é água.

## 7 Participação Social

**O modo** como o saneamento será oferecido tem que ser amplamente discutido e fiscalizado pela sociedade. A lei estabelece a criação de agências reguladoras e conselhos populares para acompanhar de perto as ações de saneamento.

# Acre realiza saneamento e melhora cenário urbano em municípios isolados

*Os estados da Amazônia enfrentam novos desafios nesses tempos modernos: após os ciclos da borracha e desmatamentos acelerados, dar dignidade aos moradores que continuam chegando à zona urbana. Desde 2014, o Acre realiza um amplo serviço de saneamento básico nos municípios de Santa Rosa do Purus, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter e Jordão. Nessas cidades, a única via de acesso para grandes cargas são os rios de curvas sinuosas e melhor percorridos por cavalos, em tempos de estiagem.*

Qualidade de vida chega a municípios isolados no Acre.



Os sete dias de viagem pelo Rio Tarauacá, arrastando a canoa que encalhava quase sempre, carregada com no máximo duas toneladas de ferro e outros insumos para obras de Saneamento Integrado, são

recompensados pelos sorrisos dos moradores do Jordão ao abrir a torneira com água tratada e ao atravessar as ruas pavimentadas e com a rede de drenagem e esgotos urbanizando a paisagem.

**"A gente sem água não faz nada",** fala a lavadeira Sheila do Nascimento. Nascida no Seringal d'Oro, no Rio Tarauacá, zona rural do Jordão, sempre foi acostumada com o trabalho pesado abrindo roçado ou

limpando a estrada de seringa para o pai. Mas, com 12 filhos para criar, sofreu grande abalo ao perder o marido por uma picada de cobra e ter que sair da colônia onde vivia para tentar novas oportunidades na cidade.



Quando o rio seca, o transporte de insumos deve ser feito em pequenos barcos.

Assim como Sheila, outros tantos moradores saíram das colônias, seringais e aldeias para Jordão. Segundo o Censo do IBGE, em 2000 a população urbana era de 19%, passando para 34% em 2010, com tendência de aumento. Em 2015, a estimativa de população é de mais de 7 mil pessoas. O desafio está posto: abrigar de forma digna os novos moradores, muitos dos quais não estavam habituados com as peculiaridades da cidade, como a distância de suas casas para fonte de água e os canos, tubos e canais para dar caminho adequado aos resíduos domiciliares.

Este é o cenário para a execução das obras do Programa de Saneamento Ambiental e Inclusão Socioeconômica do Acre (Proser), desde 2014 conduzido pelo Departamento Estadual de Pavimentação e Saneamento (Depasa) e Secretaria de Estado de Planejamento (Seplan). O programa vai investir R\$ 100 milhões em distribuição de água, coleta e tratamento do esgoto, pavimentação, drenagem, coleta e destinação de lixo, em Porto Walter, Marechal Thaumaturgo, Jordão e Santa Rosa do Purus, com recursos do Banco Mundial e governo do Estado.

O projeto todo foi planejado em etapas, um passo de cada vez, levando bem-estar para as cidades. Contou com participação da população no processo de tomada de decisão com uma consulta pública.

O programa vai investir R\$ 100 milhões em distribuição de água, coleta e tratamento do esgoto, pavimentação, drenagem, coleta e destinação de lixo.



## Água é para todos

**"Com um vaso d'água nas costas, dava uns 10 minutos lá do rio aqui para casa",** conta Sheila, enquanto a filha insiste, no colo, por um copo d'água, agora totalmente potável, direto da torneira. Desde 2015, o Depasa, em parceria com a prefeitura, realiza distribuição de água para 100% da área urbana de Jordão diariamente, sem interrupções, enquanto houver energia elétrica.

Antes, o município produzia apenas 10 litros por segundo, o que não era suficiente para abastecer com eficiência. Com potencial para os próximos 20 anos, a nova estação de tratamento (ETA) distribui agora 30 litros por segundo, de água tratada primeiramente com sulfato, passando por um filtro de carvão ativado e finalizado com aplicação de cloro.

**"A situação da água não era boa. Muitas vezes, carregávamos água do rio. Era a manhã inteira trazendo no balde para poder lavar roupa, beber e tomar banho",** recorda Sheila.

Em um local onde o galão de água de 20 litros pode chegar a R\$18, devido ao frete pelo rio, é de real significado ter água saudável e totalmente propícia para o consumo direto da torneira, com testes na própria cidade e também em Rio Branco.

Os municípios terão água tratada todos os dias.



**"Nós íamos buscar água em uma cacimba, lá na pista de pouso, com carrinho de mão. Todo mundo ficava feliz quando chegava o inverno para encher as caixas d'água nas bicas (queda d'água da chuva)",** conta o gestor ambiental Artur Samosa.

A filha de Artur, os 12 filhos de Sheila e todas as crianças que brincam dia e noite nas ruas do Jordão são os motivos mais importantes na luta pelo saneamento básico. Segundo a Organização Mundial de Saúde, **"juntos, a água não limpa e as más condições de saneamento constituem a segunda maior causa de mortalidade infantil no mundo".**

## Com a canoa cheia

Uma das etapas da modernização do saneamento da cidade, a nova ETA é exemplo das dificuldades que existem para realizar qualquer obra ou investimentos em municípios onde o rio é a única via de transporte. No início de 2015 foram mais de 10 dias de viagem desde Tarauacá, pelo rio de mesmo nome, carregando os tanques de decantação e tratamento, além dos demais insumos, como cimento, seixo, pedras e ferro que foram enviados ao município em quatro barcos.

Mesmo com o transporte de insumos como cimento e brita no período de cheia do rio, alguns produtos não chegaram a tempo para as obras das próximas etapas previstas para 2016. Em julho, 15 toneladas de ferro estavam em Tarauacá a caminho do Jordão, em embarcações que podem levar no máximo duas toneladas por vez. Os tijolos estão sendo produzidos na própria cidade.

**"No período de cheia do rio, conseguimos transportar até 50 toneladas em balsas. Alguns insumos que não conseguimos estocar no inverno, estamos trazendo agora em embarcações pequenas. Esse transporte hoje custa cerca de três vezes mais do que o transporte com a balsa",** explica José Siqueira, engenheiro civil da empresa responsável pela execução das obras.

As quase 12 horas diárias do motor do barco ligado, com atenção para os infinitos galhos e árvores debaixo d'água, além



do perigo de tombar em um banco de areia quase imperceptível durante todos os dias do percurso, tanto tornam o frete perigoso, quanto encarecem seu valor.

**"Nós chegamos em seis canoas juntos. Pouco antes de chegar por aqui tivemos que arrastar os barcos. Quando um encalhava, nós**

**nos ajudávamos e vínhamos embora",** conta o barqueiro José Mendes, ao chegar no porto, dia 30 de julho, com o comboio que trazia também outras mercadorias para o comércio da cidade.

No dia seguinte, Mendes já partiria para Tarauacá em uma viagem de três dias para buscar a outra carga de ferro.

E seria assim até que as 15 toneladas chegassem por completo. No caminho, ele passou por duas balsas encalhadas, uma com postes para o programa Luz Para Todos, outra já vazia após ter sua carga de cimento levada para a cidade. Além de existir ainda três embarcações de médio porte com um gerador de energia cada uma.



## Os quilômetros de vias

Mesmo com o itinerário tortuoso, as obras seguem seu fluxo. **"Já fizemos um pouco mais de 1,5 km de pavimentação. Concluímos toda a rede de drenagem, que tem mais de 3 km. Já fizemos mais de 2 km de esgoto e temos a meta de fazer mais 3km"**, informa Siqueira.

Como ficou comum de se ouvir desde que o programa de saneamento Ruas

do Povo começou no Acre, o cabeleireiro Duda Neves conta o que fazia para ir para a aula na época da lama:

**"A gente amarrava a sacola no pé e seguia, porque era lama, lama mesmo"**. Hoje Jordão conta com um grande programa de modernização da cidade em execução, além de já ter recebido mais de 10 km entre pavimentação e calçadas pelo Ruas do Povo desde 2011.



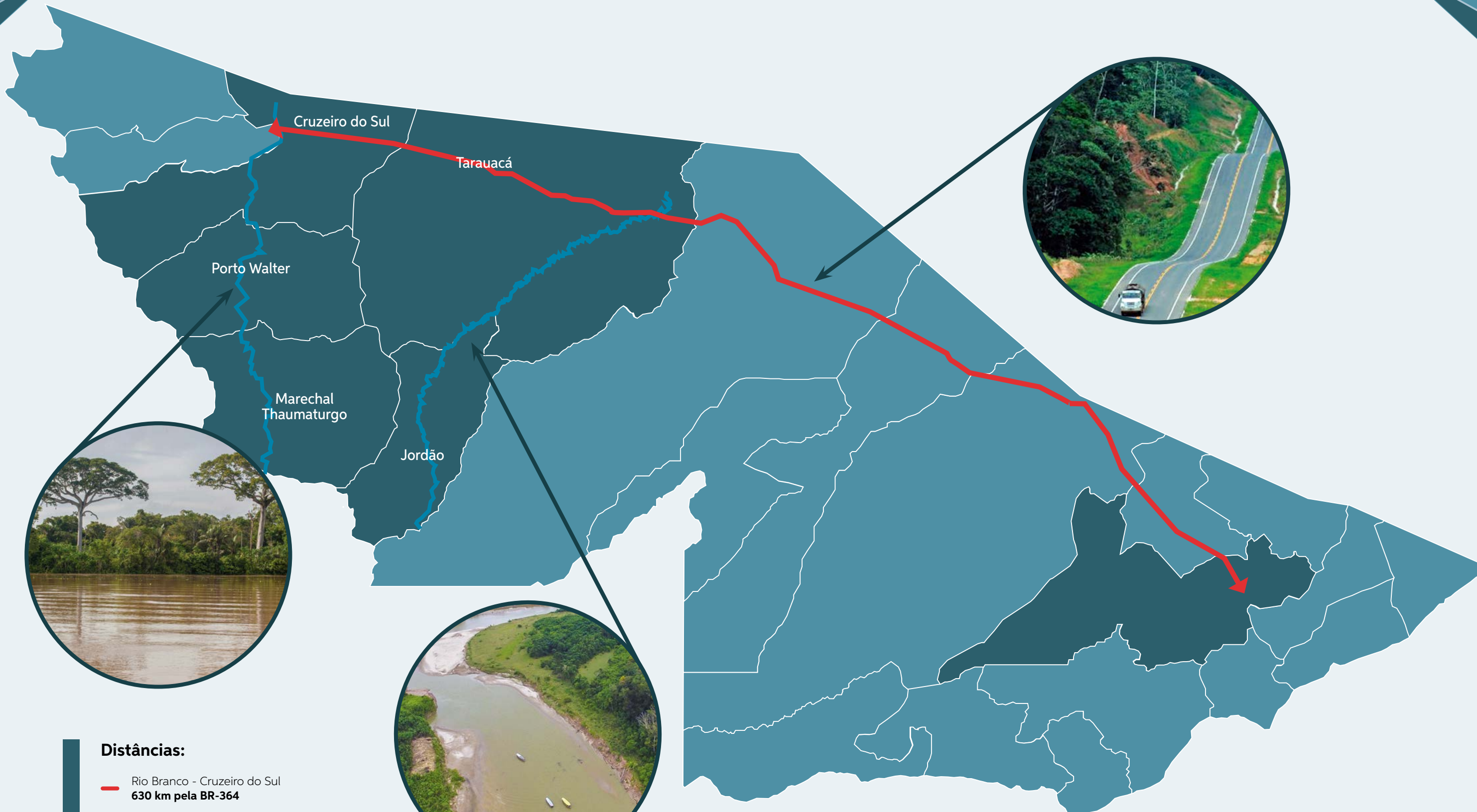
**"Jordão será um dos poucos municípios do Brasil em que a comunidade urbana terá acesso a esgotamento sanitário, drenagem de águas pluviais, água tratada em tempo integral e pavimentação de todas as vias urbanas. Também contará com moderno aterro sanitário e coleta seletiva do lixo, tudo isto dentro do Proser"**, afirma Edvaldo Magalhães, diretor-presidente do Depasa.

**"Essa rua aqui nem existia, era só o caminho. Era só a jurubeba, mata por todo canto. Depois foram abrindo a rua, mas aí era lama feia mesmo. Quando chovia não podia nem sair de casa"**, relata Neves, ao apontar para a rua Assuero Sales, recém beneficiada.

Ele afirma também que isso mudou seu trabalho: **"Melhorou muito para meus clientes virem. Antes era a maior dificuldade chegar até aqui e hoje evoluiu muito, meu trabalho aumentou"**.

A vila que passou a ser a cidade de Jordão apenas em 1992, por anos foi conhecida por ter apenas uma rua e um dos pio-

res índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Moderniza-se agregando à qualidade de vida da floresta os avanços de uma cidade digna para seus moradores. Água, saneamento e pavimentação é apenas o começo de grande melhoria para o povo, filhos de seringueiros e indígenas que formam parte da cultura acreana.



**Distâncias:**

- Rio Branco - Cruzeiro do Sul  
**630 km pela BR-364**
- Tarauacá - Jordão  
**cerca de sete dias de viagem pelo rio Tarauacá**
- Cruzeiro do Sul - Marechal Thaumaturgo  
**Cerca de três dias pelo Rio Juruá**



## Relação social

Antes, durante e após as obras, equipes do governo e de parceiros realizam ações sociais com os moradores das cidades beneficiadas.

O acompanhamento social inclui a preparação das famílias para receber as obras, como também o acompanhamento das famílias que serão removidas de áreas necessárias às obras.

**“Na construção do projeto, visitei juntamente com os engenheiros os locais onde iriam ser as Estações de Tratamento de Esgoto (ETE), e priorizamos áreas em que não havia edificação para assim minimizar os impactos na família”,** afirma a assistente social da Seplan, Charlene Lima.

Todos os aspectos das obras estão sendo acompanhados pelo governo.

Prioritariamente o trabalho de acompanhamento começou com as famílias que estavam sendo diretamente atingidas pelas obras. Foi construído o Plano Abreviado de Reassentamento, levando em consi-

deração as políticas do Banco Mundial e do Estado.

A prioridade do governo é minimizar os impactos, é fazer com que os benefícios advindos desse projeto se sobreponham os impactos negativos.



**“Estamos levando 100% de ruas pavimentadas, levando saneamento básico que esses municípios não tinham. Vai ter também a questão do aterro sanitário e água tratada para as comunidades, estamos levando melhorias, mas precisamos saber como levar essas melhorias”,** afirma Charlene.

Alguns dos inconvenientes durante as ações precisam ser contornadas e tratadas. Quando está ocorrendo a obra, ela gera poeira, tem muita criança que vai para área das obras e assim tem risco com as máquinas, com isso é realizada orientação para os pais tomarem cuidado com os filhos.

**“A poeira, a gente orienta a empresa para entrar com o caminhão pipa jogando a água para diminuir. É claro que os impactos vão acontecer, o transtorno da obra é natural, mas trabalhamos para minimizar”,** explica a assistente social.



Haverá acompanhamento também depois das obras.



Quanto ao tratamento de famílias diretamente afetadas com mudança de terreno, há também uma ação pró-

xima. Como o estado não disponibiliza de terras nesses municípios, cada terreno foi devidamente titulado pelo

Instituto de Terras do Acre (Iteracre) para que a família recebesse a indenização devida.

Algumas famílias precisaram ser desapropriadas.

Na desapropriação, o Estado sempre busca entregar outra casa igual ou superior, nunca inferior, conforme avalia Charlene:

***“Tem a avaliação de todas as nossas desapropriações e elas estão sendo feitas de forma amigável, não tem nenhuma judicial. Todas as famílias aceitaram o valor e já estão todos em andamento, com nenhum processo parado”.***

Em Marechal Thaumaturgo 17 famílias precisaram ser indenizadas, em Porto Walter 10 e em Jordão apenas duas e nenhuma das duas tinha construção no local.

Ainda há a ação sobre a importância do investimento. Durante todo o decorrer da obra são realizadas atividades educativas, com oficinas, abordagem individual e coletiva em reuniões e atividades lúdicas. É distribuído material educativo sobre o tema relacionado à prevenção ambiental e apropriação do sistema de saneamento básico.

***“Não basta só você levar qualidade de vida para aquela comunidade, temos que mostrar que cada um tem que se apropriar dessa mudança”,*** afirma Charlene.

# Entrevista com Márcio Veríssimo, secretário de Planejamento do Acre

*Carregando o DNA de sucesso de programas do governo do Acre, o Proser está garantindo para municípios de difícil acesso do estado a promoção ao saneamento ambiental. Desde a distribuição regular de água potável para todas as casas, até banheiros, uma complexa rede de esgoto e drenagem e a pavimentação das ruas de Marechal Thaumaturgo, Porto Walter, Jordão e Santa Rosa do Purus.*

*Márcio Veríssimo, atual secretário de Planejamento do Acre, acompanha essa evolução organizacional do estado desde 2001. Viu de perto, a partir de 2009, o desenrolar do ProAcre, programa antecessor do Proser que levava uma variedade de investimentos para a zona rural. Agora, atuando como gestor de uma das pastas que coordena o Proser, ele comenta os avanços das ações nesses primeiros anos.*



A realidade da saúde mudará após as obras.



A foto mostra o comboio de barcos indo de Tarauacá para o Jordão, carregando ferro.

### **Como foi a evolução e planejamento do Proser?**

O Proser na verdade é uma continuidade do ProAcre, que o estado do Acre vem executando com muito êxito e tem ajudado a melhorar os indicadores de saúde, de educação, e melhorar as condições de vida das nossas comunidades

com algumas ações produtivas. O Proser inova trazendo agora a parte do saneamento. São mais de R\$ 100 milhões investidos em saneamento nos quatro municípios que hoje só têm acesso por via fluvial ou aérea.

É um programa inovador porque traz desde a captação de água até as redes

de abastecimento. Traz também a pavimentação, a drenagem e, mais ainda, em cada município será construído uma Unidade de Tratamento de Resíduos Sólidos. Isso é inovador porque o governo poderia muito bem fazer uma grande obra na região mais central do estado, mas optou pelas comunidades mais remotas para fazer uma ação que é revolu-

cionária. Um estado como o Acre, amazônico, fazendo um investimento dessa magnitude para quem mais precisa. As famílias terão uma água de mais qualidade e receberão toda infraestrutura necessária que uma cidade deveria ter, com 100% de abastecimento de água, 100% de tratamento e esgotamento sanitário e também a questão do resíduo.

**Como o Acre conseguiu organizar um projeto como este e fazer com que seja executado?**

A grande questão é a credibilidade, acho que o governo do Acre tem conquistado essa confiança, essa palavra mágica que é a confiança com esses organismos internacionais. O Banco Mundial, que financiava ações mais ligadas ao social e à saúde, entendeu que o saneamento, que também é saúde e social, seria muito importante para melhorar as condições de vida dessas comunidades.

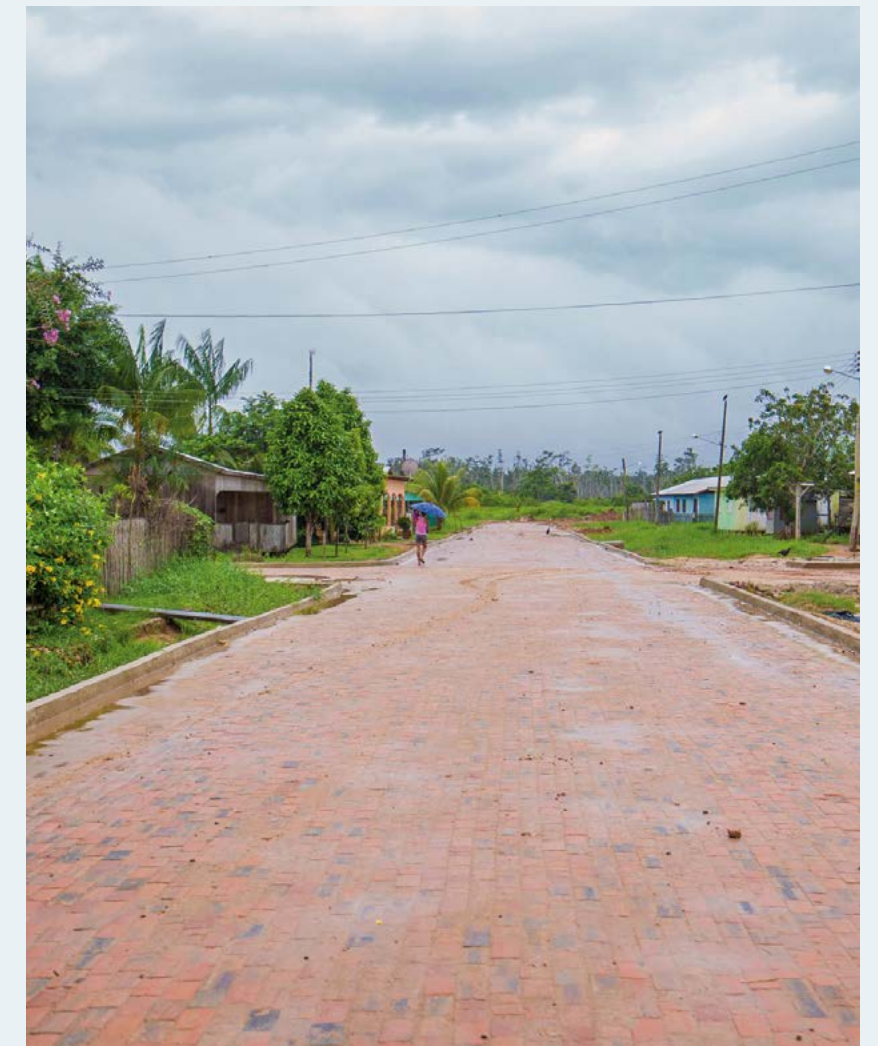
Nós fizemos um trabalho inicial de visita aos quatro municípios - a equipe do banco trabalhou conosco todas as fases do projeto, falamos com as lideranças, com a comunidade e tivemos algumas audiências públicas. Após elaborarmos o projeto levamos para as pessoas terem uma noção de qual era a proposta do governo e do banco, assim foram feitas algumas audiências públicas nesses municípios com a presença da comunidade em geral, das lideranças, dos vereadores, do prefeito. Isso foi muito importante porque a

gente fez um trabalho também de sensibilização junto às comunidades.

Parte de projeto demorou aproximadamente uns dois anos de trabalho. O projeto foi aprovado, nós iniciamos essas ações que exigem uma logística diferenciada. Uma coisa importante para ser falada é que depois de licitado, depois da obra, depois de vencermos toda a parte burocrática as empresas têm que fazer toda a mobilização, levar esse material de construção civil, que vem de vários pontos do Brasil, e de-

pois colocar todo esse material numa balsa. Nisso, você tem aí três meses aproximadamente entre dezembro, fevereiro, janeiro, março no máximo pra poder levar esses materiais junto com equipamento, máquina.

É uma logística muito grande. Nós, que estamos de certa forma trabalhando nesse projeto, ficamos muito satisfeitos em saber que estamos contribuindo no projeto de uma amplitude social extraordinária e que, com certeza, vai marcar a gestão do governador Tião Viana.



**Como tem sido sua trajetória no governo do Acre acompanhando essa evolução econômica e social?**

No governo do Acre iniciei em 2001, numa primeira fase onde o Estado estava passando por um momento de reestruturação, reordenamento da máquina pública, foi uma fase onde se trabalhou muitos projetos junto ao governo federal, principalmente ao Orçamento Geral da União. Iniciou-se ali um projeto junto com alguns organismos nacionais como o BNDES, depois o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Posteriormente, o Acre já estava um pouco mais maduro - houve uma ação muito forte na parte de melhoria da gestão, com processos, procedimentos, sistemas e o Acre amadureceu muito nessa fase. Em seguida, o ProAcre surgiu como um programa que tinha foco nas pessoas mais necessitadas do estado. Levou saúde, educação, melhoria das condições e das formas produtivas do estado a quem mais precisa. Foram trezentas comunidades remotas nos meandros dos rios, ao longo das florestas, comunidades que variam de 10 a 30 famílias. A gente vem fazendo esse projeto tendo algumas ações de referência, como o Plano de Desenvolvimento Comunitário, o Plano de Gestão em Terras Indígenas, as ações produtivas, o programa da saúde que leva um atendimento básico até essas famílias, feita em um barco.

É importante dizer que no Proser, além da parte do saneamento, nós estamos trazendo também uma ampliação desse



serviço com relação à questão da saúde em que nós já estamos introduzindo diagnóstico, fazendo um trabalho especializado em relação às mulheres, questão do rastreamento do câncer do colo do útero. O programa vem melhorando.

O estado do Acre tem tido um sucesso extraordinário fazendo a sua carteira de investimentos. A cada tempo e a cada governo a gente faz um planejamento ouvindo as pessoas, acho que esse é o diferencial. Ali você sabe quais são as necessidades das pessoas e dentro dessa perspectiva o estado

se organiza para buscar recursos. Esse trabalho da Frente Popular foi feito de uma forma muito forte, o resultado que nós temos hoje foi graças a juntar a visão das pessoas.

O estado está sendo protagonista desse processo, sendo quem alavanca o desenvolvimento. Nós fizemos uma carteira onde o saneamento foi e é um dos carros-chefe. Só para ter uma ideia de programas que fazem a interface com o saneamento nos isolados, nós tínhamos o programa Ruas do Povo que não é só ruas, é também rede de água, rede

de esgoto. Nós trabalhamos em todos os municípios programas também para melhorar o abastecimento de água, melhorar o tratamento de esgoto, feito em parcerias com a Funasa, como Ministério das Cidades e mais a obra do saneamento nessas comunidades isoladas financiadas pelo Banco Mundial. Isso nos deu uma capacidade de ter uma carteira ao longo desses anos de mais de R\$ 1,5 bilhão de recursos, que foram alavancados para que o Acre tivesse, e vai ter após 2018, uma cobertura muito significativa em relação aos estados da Amazônia e do Brasil.

### **Qual o seu sentimento em poder fazer parte desses projetos?**

O sentimento é o melhor possível, é de realização, de dever cumprido, porque você participar de um programa tão importante, tão inovador que mexe com a vida das famílias, das pessoas

mais simples do estado, é uma coisa que mexe com a gente profundamente. Temos nesses municípios grande parte da população e das comunidades indígenas, quando você olha o mapa do desenvolvimento, percebe que esses são os municípios do estado do Acre que têm o menor índice de desenvolvimento do es-

tado e talvez um dos menores do Brasil.

Sabemos que nós temos aí quatro braços que levam a saúde, levam a educação, levam condições de vida melhores, levam saneamento. Estamos propiciando a emancipação dessas comunidades, a melhoria dessas comunidades, uma coisa que me deixa muito contente e satisfeito é ver tam-

bém que nós temos um governo e um governador muito sensível com as causas humanas. A gestão muitas vezes é dura, é fria e agora a gente observa um governo que vai até as pessoas, isso geralmente quem faz é artista. Estar próximo das pessoas e levar esse serviço até essas pessoas é uma ação que nos deixa bastante realizados.



### ***E qual a importância de o governo do Acre ter segurança junto aos parceiros financeiros?***

Isso é tudo, isso é tudo. Um governo que não tem essa capacidade não anda. Hoje no Brasil você observa no noticiário a dificuldade que se está passando. O Acre com tudo isso, eu posso dizer que está passando por essa situação de cabeça erguida. O estado do Acre tá honrando com seus compromissos mesmo ainda dependendo das transferências constitucionais da União em grande parte. Mas ele está fazendo essa travessia graças às parcerias com todos esses nossos parceiros tanto do Brasil quanto do exterior, como o Banco Mundial, BID, KfW, o próprio CAF (Banco de Desenvolvimento da América Latina) e várias outras agências de fomento e organismos multilaterais de crédito.

Ninguém fez isso do dia pra noite. Fez porque estão vendo no Acre e na Amazônia um trabalho diferenciado, além de tudo o governo não olha o desenvolvimento pelo desenvolvimento, aqui nós conseguimos, e os indicadores mostram muito bem isso, que a economia cresça, mesmo no processo de crise ela se mantém ainda positiva, e nós conseguimos fazer uma retirada histórica da nossa população na situação de extrema pobreza. Temos uma consciência ambiental extraordinária que vem dos nossos ancestrais, uma diversidade cultural, religiosa, mística grandiosa. O Acre vem demonstrando para esses organismos que faz uma gestão ética e consciente.

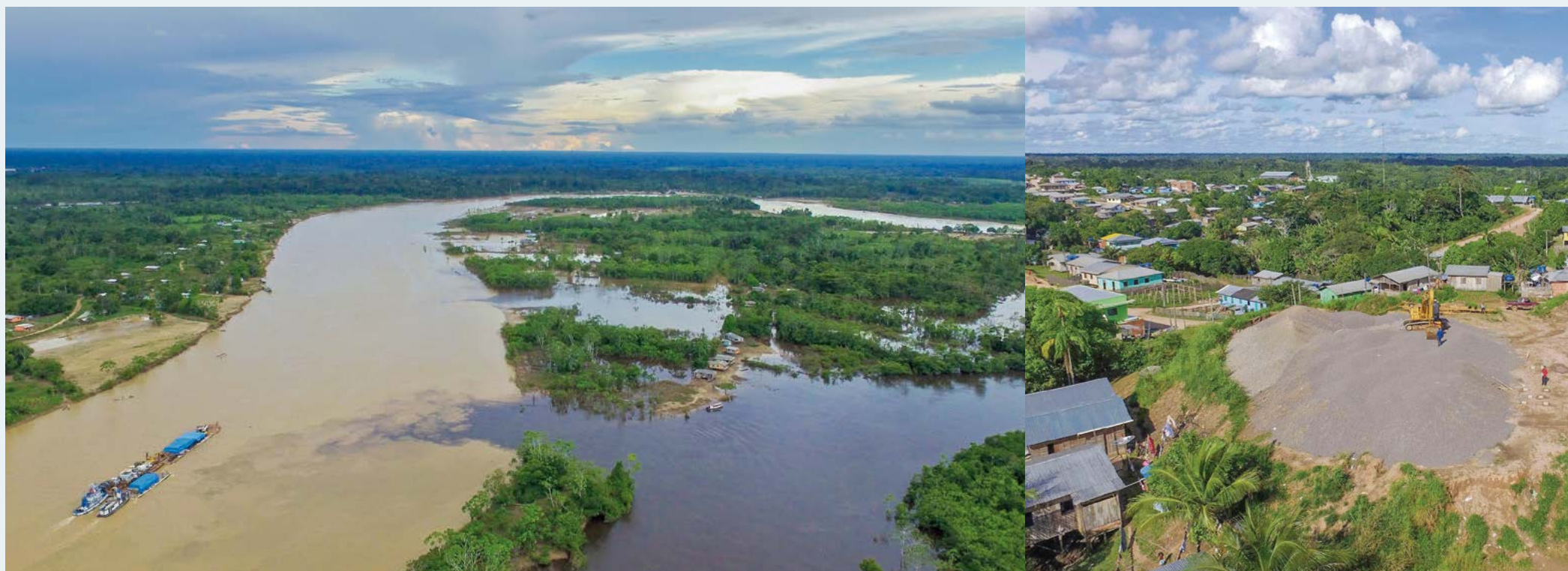


Essa é a grande questão, porque se fôssemos pensar só na economia, hoje nós já tínhamos dizimado o estado, já tínhamos acabado com as nossas reservas ambientais, culturais. O Acre faz um trabalho que é inovador, que é visto pelos organismos

internacionais e que é apoiado por todos. Essa confiança não vem só disso, vem porque nós estamos cumprindo a nossa missão. Demonstramos isso em indicadores que revelam claramente a mudança. Claro que nós estamos no processo de eman-

ciação, estamos fazendo alguns investimentos mais sólidos na economia, como a piscicultura, o suíno, na parte extrativista e isso tudo vai garantir que as populações futuras possam ter uma condição de trabalho, de vida, muito melhor do que as atuais.

## Perfil de cada Município



**“Fizemos uma parceria com a Fundação de Tecnologia do Acre [Funtac] para, juntos, realizarmos experimentos que possam resultar no saneamento ambiental integrado: pavimento, rede de esgotamento sanitário e abastecimento de água”, destacou.**

### Marechal Thaumaturgo

Localizada no Alto Rio Juruá, na foz do Rio Amônia, Marechal Thaumaturgo vai receber R\$ 24 milhões do Proser (Programa de Saneamento Ambiental e Inclusão Socioeconômica do Acre) para melhorar a vida de seus 16.895 habitantes. O recurso será aplicado em pavimentação, esgotamento sanitário, rede de água tratada, coleta e destinação do lixo.

Com peculiaridades e encantos geográficos, Thaumaturgo é o município mais protegido do ponto de vista ambiental e guarda uma das maiores biodiversidades da Amazônia. Seu território está quase inteiramente dentro da Reserva Extrativista do Alto Juruá, a

primeira do Brasil, e possui quatro reservas indígenas, sendo três na fronteira com o Peru.

Edvaldo Magalhães, diretor-presidente do Departamento Estadual de Pavimentação e Saneamento (Depasa), informa que a população local costuma usar a expressão **“é um lugar onde a terra anda, onde a água é salobra, onde o sabão não faz espuma”**. Isso ocorre porque a cidade foi edificada em cima de um maciço de terra que se move e dificulta todo tipo de construção, explica o diretor.

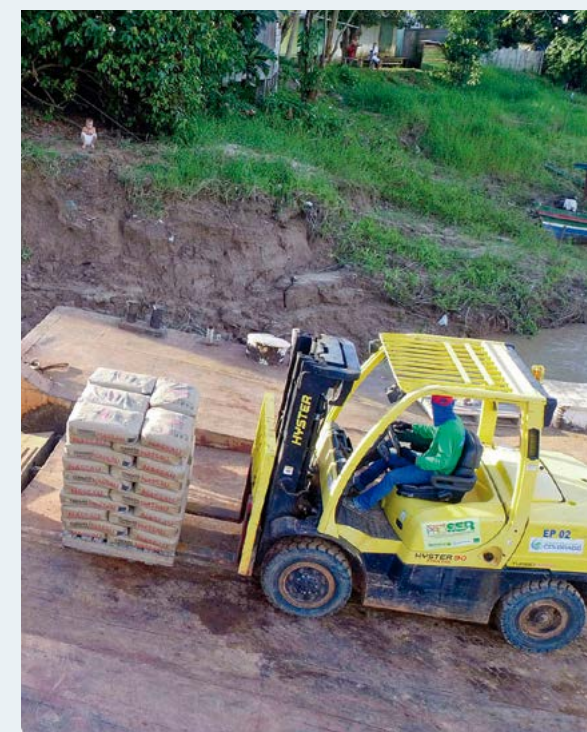
Ainda segundo Magalhães, no município a obra vai exigir soluções novas em engenharia.

### As obras

Serão executados 3,70 quilômetros de pavimentação, 775 unidades de ligações domiciliares de esgoto e 11 estações de tratamento de esgoto (ETE).

Também será ampliada a Estação de Tratamento de Água (ETA), instaladas 720 unidades domiciliares de água e providenciados mais 3,9 quilômetros de rede de abastecimento e cinco quilômetros de drenagem de águas pluviais.

Já em 2016, foi concluída as obras de rampas de concreto armado e terminal de transbordo para os ribeirinhos descansarem e ajudar no escoamento de sua produção para outras cidades acreanas.



## PORTO WALTER

Atendendo aos anseios dos 9.176 mil habitantes de Porto Walter, as obras continuam no município de Porto Walter. Os investimentos giram em torno de R\$ 21 milhões.



### Princesinha do Juruá

Das cidades de difícil acesso do Acre, Porto Walter é considerada a **“Princesinha do Juruá”**. Ela está no meio da viagem entre Cruzeiro do Sul e Marechal Thaumaturgo.

É considerada a cidade com a população mais ativa e organizada. Sua história é marcada pela presença efetiva da Igreja Católica, que tem lutado ao longo dos anos por melhorias nas áreas de infraestrutura e educação.

## Investimentos

No portfólio de obras previstas para Porto Walter estão programados nove quilômetros de ruas pavimentadas. Serão construídos 13,4 quilômetros de rede de esgoto, feitas 972 unidades de ligações domiciliares de esgoto, 50 módulos sanitários e 68 unidades de sistema de tratamento individual de esgoto.

Os investimentos também irão contemplar a construção de três Estações de Tratamento de Esgoto (ETE) e quatro Estações Elevatórias de Esgoto (EEE).

No quesito água tratada serão providenciadas 390 unidades domiciliares e construídos 4,47 quilômetros de rede de abastecimento de água. Haverá a execução também de 1,44 quilômetro de drenagem de águas pluviais.

No porto da cidade serão construídos uma rampa de concreto armado e um terminal de transbordo para os ribeirinhos que seguem para outras cidades do Acre com a intenção de escoar sua produção.

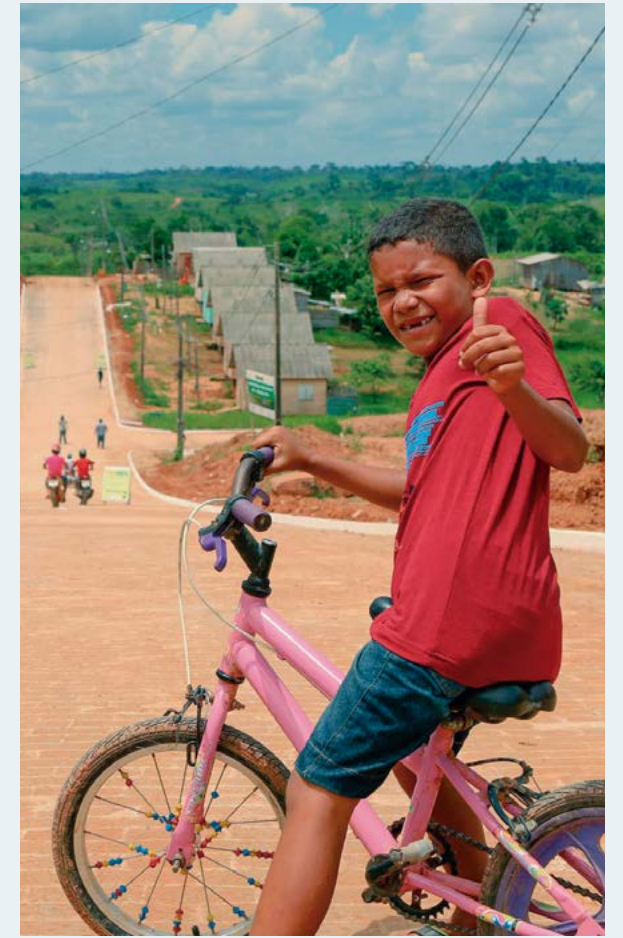


## Um pouco da história

Quem sobe ou desce o Rio Juruá vê ao longe uma igreja de arquitetura alemã, construída há mais de sessenta anos. Para chegar a mais essa cidade da floresta no Acre, só viajando em barcos ou em aviões de pequeno porte.

Duas importantes unidades de conservação – o Parque Nacional da Serra do Divisor e a Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade – também fazem parte do território do município.

Com quase 70% da população concentrada na floresta, a economia é fortemente baseada no extrativismo. Rios, florestas e lagos preservados sugerem turismo ecológico. Inserido com 6.453 quilômetros quadrados no Vale do Juruá, Porto Walter é área de estudo dos que se interessam pelas riquezas das florestas.



# Identidade e avanço social no Jordão, uma cidade na floresta do Acre

*Forjada nas curvas do rio, no topo dos morros, na chama da poronga e no corte da seringueira, o povo do Jordão vive em um tempo diferente das grandes cidades. Sem acesso por terra, apenas pelo Rio Tarauacá e por aviões, a pequena cidade vive dias e noites imersa em uma tranquilidade incomum nesse mundo globalizado. Isso tudo sem esquecer os desafios de organização necessários a uma zona urbana próspera.*



Tanto as muitas histórias com índios não contatados, quanto o passado de muito trabalho dos seringueiros (índigenas e não indígenas), o território do Jordão atualmente é composto por uma cultura de forte relação do homem com

a natureza. São quatro Terras Indígenas (TI). Kaxinawá Alto e Baixo Rio Jordão, Seringal Independência, da etnia Huni Kuin, além da TI Alto Rio Tarauacá, exclusiva para índios não contatados e uma Reserva Extrativista, a do Rio Tarauacá.

Os que não querem viver todos seus dias na floresta fazem a opção de migrar para a zona urbana, que hoje já contabiliza 34% da população. Jordão, desde 1992, quando passou de vila

para cidade, está se modernizando sem perder a conexão humana com a natureza e dando um importante exemplo de convivência na luta contra o preconceito.



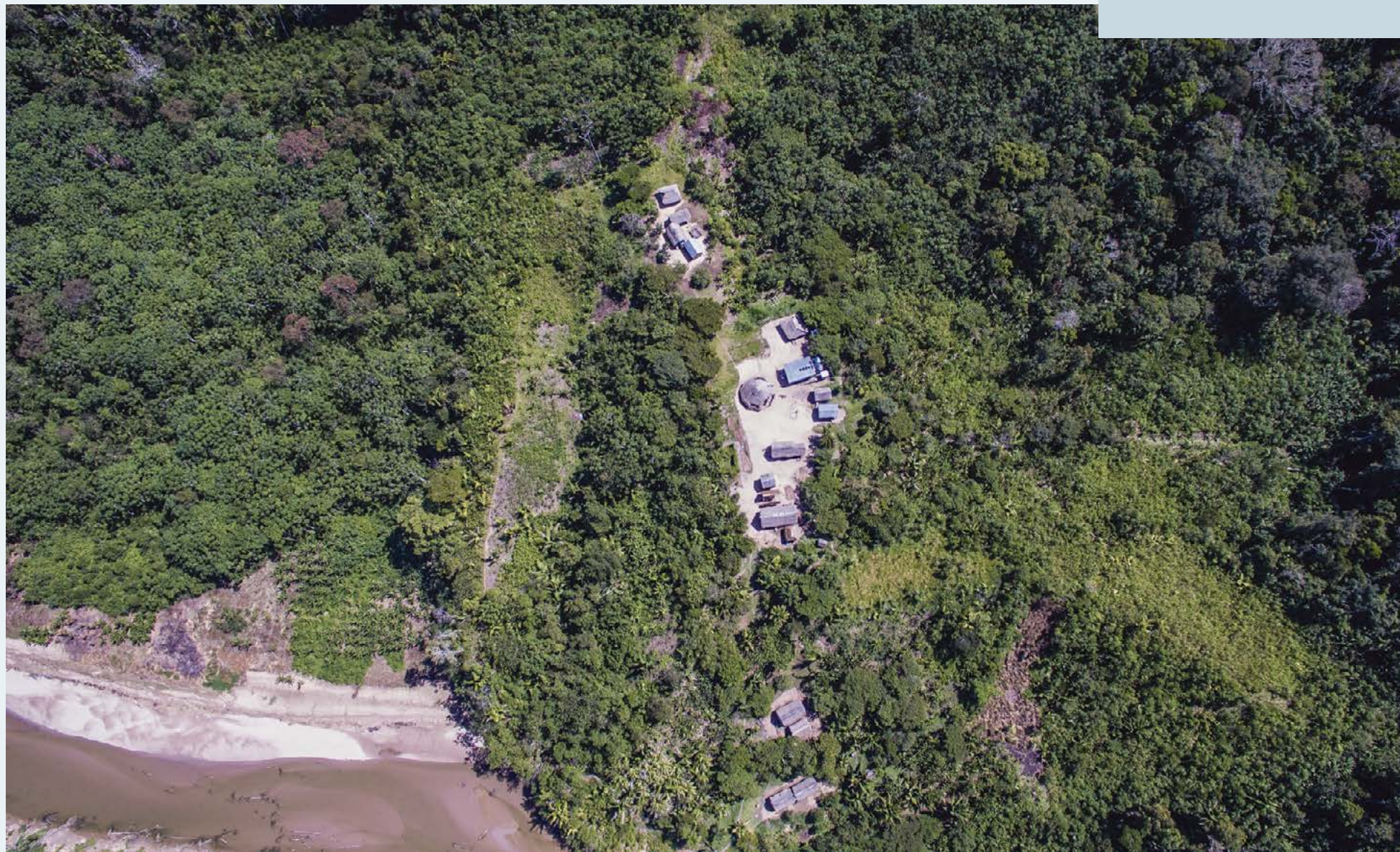
Jordão conta com

**R\$ 19,9 milhões**

para obras de água e esgoto, drenagem de águas pluviais e saneamento.

Dos cerca de sete mil moradores, mais de dois mil são indígenas. Muitos ou possuem casa no bairro Kaxinawá ou visitam periodicamente a cidade. Uma das duplas musicais que animam

as festas no fim de semana é indígena e na Aldeia Lago Lindo, anualmente é realizado o Festival Xinã Bena do povo Huni Kuin, que recebe turistas do mundo todo.



**"De primeiro, tinha parentes que não conheciam o Jordão, era difícil ir para lá. Hoje já está legal, todo mês vamos ao município, tem muitas atividades. Muita coisa mudou. Nossa população indígena aumentou e a cidade está organizada"**, afirma o agente agroflorestal e líder da Aldeia Nova Cachoeira, na TI Baixo Jordão, Deodato Maia, ou Txuã, em sua língua-mãe.

**"Aqui nas aldeias vivemos tranquilos, na nossa tradição, vivemos na floresta. Preservamos e cuidamos dela. Na cultura é assim, a gente se alimenta da pesca e da caça. Tem o roçado de macaxeira, banana, amendoim, milho, inhame e cana-de-açúcar"**, continua Txuã.



Mesmo vivendo na tradição, a comunidade não deixou de buscar avanços. Atualmente, com apoio de uma organização internacional, possui um moderno sistema

de abastecimento de água a energia solar. Em breve, as 32 aldeias da região também poderão ter água potável por meio de poços que o governo do Estado construirá.

Nascido em Rio Branco, capital do estado, Artur Samosa é exemplo do que o ar do Jordão pode fazer com quem o

respira. Em uma viagem de trabalho, ao lado de um grupo Huni Kuin, pelo rio, percebeu que ali sua vida mudaria.

**"Quando eu vinha subindo o Rio Tarauacá, já com três horas de viagem, senti aquele ar totalmente diferente da capital. Um ar puro, da natureza. Aí pensei comigo: "Eu que volto? Volto não!",** rememora Artur, em frente à sua casa, enquanto sua filha brinca correndo entre o quintal e a calçada.



Desde então, já são quase 20 anos vivendo com quem lhe recebeu bem. No interior do Acre observa-se com frequência a atitude de acolhimento. São poucos os que dormem na praia em uma noite fria, se existe um morador ribeirinho próximo e fome não se passa, quando há uma galinha caipira no quintal. A cidade, sua gente e sua cultura abrigam quem por ali passa:

**"Quando você é bem aceito, quando a comunidade te acolhe, é muito bom",** afirma Samosa.

Itati dolorio blandist re omnimolupis et pro cone solestrum velibus dandus esciis eum volupta eritatiant aut moluptio. Nam si int, id essint modis eossequis ut que excerspe nusdam,

## História entre pais e filhos

Com membros espalhados pelo território do Jordão e do Acre, a família Marçal de Castro é um exemplo dos caminhos que o destino percorre. Edinei, de 42 anos, junto de outros irmãos, mantém a colônia Revisão, antiga colocação do Seringal São José. Pai e mãe, Aldenir e Lucimar, há um ano se mudaram para a cidade, onde outra filha já morava desde os 18 anos e atualmente ganha a vida com sua brincadeira de criança, a costura.

Após receber alguns viajantes do rio, que acompanhavam o transporte de insumos para obras de saneamento na cidade, Edinei, mesmo que com poucas palavras, conta um pouco do seu sentimento sobre aquele pedaço de terra, a beira do Rio Tarauacá, cercado por pequenos morros:

**“Eu gosto de morar aqui porque foi onde eu nasci e me criei. Onde construí família e conseguimos alguma coisa para sobreviver. Aqui eu planto a roça, o milho, banana, arroz”.**

A rotina é acordar, fazer o café, dar milho para as galinhas e porcos, averiguar os bezerros e seguir para limpar ou colher no roçado. Pode não parecer muito para quem olha com a visão embaçada pela pressão das cidades, do trânsito e dos entraves de uma sociedade habituada a oito horas de trabalho por dia. Mas as horas na mata eram bem



cansativas. O pai, Aldenir, fez isso e algo mais até seus 63 anos; há apenas um se mudou para a cidade.

**“A opção da gente era essa. Se acordava cedo, se jogava na mata e cortava seringa para sustentar a família”,** explica o simpático senhor, agora comerciante.

Como boa parte do Acre, Jordão teve grande comércio de borracha. É possível conhecer pessoas que exploraram o látex até a década de 1990 na região. Hoje, o governo do Estado e prefeitura buscam novas alternativas para a região. Os investimentos em produção são focados na agricultura familiar, com o Programa de Aquisição de Alimentos, com recursos do governo federal, além de haver compra dos produtos para merenda regionalizada nas escolas, por parte da prefeitura.

Mesmo com muito trabalho no passado, o seringueiro Aldenir tem boas lembranças das matas onde estruturou sua família.

***“Eu via caça, serpentes, aquelas que ficavam enroladas, até hoje eu tenho o maior medo. Mas via também aquela bondade nas pessoas”,*** conta.

A relação com a natureza não era simplesmente de exploração de recursos. Na Amazônia, os povos da floresta aprenderam que a natureza é sua casa.



***“Quando estava muito enfadado, chegava no igarapé e bebia aquela água bem fria. Muitas vezes eu tomava banho quando estava muito suado”, lembra, com certa nostalgia na voz. “Eu gosto da floresta, a verdade é essa. Não estou adaptado ainda na cidade”, revela.***

## Brincadeira de criança virou profissão

Antônia, filha de Aldenir, desde os 19 anos já vivendo na cidade, mostra-se mais acostumada e, graças à compreensão dos pais, criou gosto pela costura já na infância.



**“Desde a idade de nove anos que comecei a pegar na máquina da minha mãe. Ela saía e eu ia costurar escondida, quebrava as agulhas, mas fui fazendo. Comecei a fazer roupa para os meus irmãos e fazia roupa de boneca”,** conta.

A clientela era grande já na infância, eram 12 irmãos precisando de roupa nova, além dos vizinhos que a procuravam sempre.

**“A Antônia ficava à vontade na máquina de costura da mãe dela, aprendendo. Por umas duas vezes, levei ela para plantar a maniva de mandioca. Aí quando o sol tava esquentando, ela plantava a roça e ficava enxugando o suor. Logo vi que aquilo não era para ela”,** explica Aldenir.

**“Enquanto eu ajudava o Aldenir no roçado, ela ficava na máquina. Me sinto orgulhosa agora, vendo que ela aprendeu e está caminhando sozinha”,** afirma a mãe, Lucimar.

Antônia, depois de concluir o Ensino Médio, buscou alternativas para ter sua renda. Após a experiência de ser funcionária não a ter agradado, decidiu definitivamente viver da costura.

Com uma máquina simples, fez um curso pelo Pronatec e recebeu um moderno equipamento de costura pela Secretaria de Pequenos Negócios do Acre como apoio.

**“Eu faço o que eu gosto, sou feliz em ter essa profissão. Sei que isso aí eu adquiri pelas necessidades e pela vontade, eu sempre quis”,** diz ela.

## Cultura tradicional e avanço social

Academia e treinos diários na praça para o público propenso à obesidade, creche noturna para mães estudantes ou que trabalham, pré-natal para todas as gestantes, incluindo ultrassom mensal, obras de saneamento em toda a zona



urbana. Essas ações, do Estado ou prefeitura, dão oportunidade a uma cidade de crescer de forma organizada.

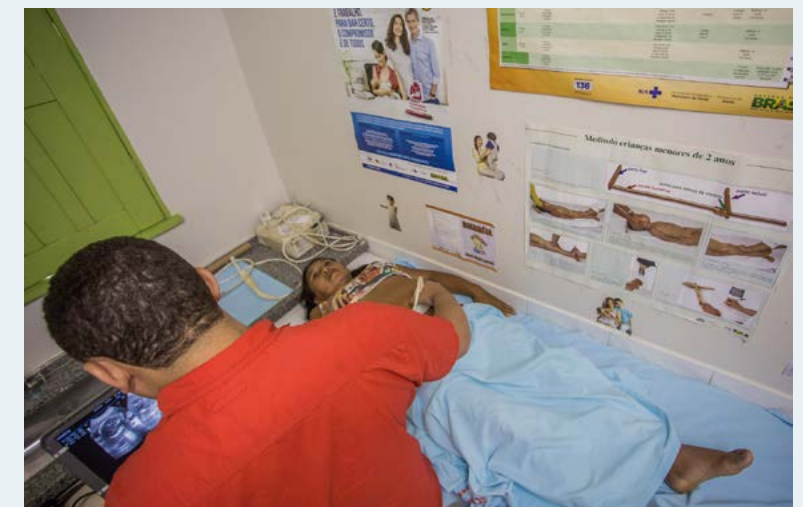
No Jordão, os avanços da globalização não deixam de chegar, mas existe uma conexão da natureza com os habi-

tantes da cidade, o que fortalece ainda mais a cultura de povos da floresta.

A família de Lucimar, Aldenir, Antônia e Edinei é símbolo de um novo tempo para os municípios e para o estado. As tradições dialogam com os avanços sociais.



*“Antes de ter minha filha, até pensei em sair, mas desisti. Quero tranquilidade para minha família”, afirma Antônia.*



# Saneamento Ambiental Saneamento Básico

*Você sabe o que é saneamento ambiental?*

Esse novo conceito veio para resolver um grande problema do saneamento básico: o desperdício e contaminação de grandes quantidades dos recursos naturais, que interfere na saúde da população. Para isso, aplica-se a sustentabilidade no processo.



Lixo



Água da  
chuva



Esgoto



Controle de  
doenças

Saneamento Ambiental X Saneamento Básico



**Coleta o lixo e dá um destino melhor, como a reciclagem**

Apenas coleta o lixo e o envia para aterros



**Coleta a água da chuva para casos de emergência**

Não existe coleta de água da chuva



**Trata o esgoto antes de devolvê-lo à natureza**

Nem sempre realiza o tratamento adequadamente de esgoto, contaminando rios, lagos e mares



**Previne o aparecimento de doenças, pelo melhor manejo com lixo e esgoto**

Está suscetível ao aparecimento de doenças



**Um mundo sustentável também depende de você!**

**Novo Acre** 

*Governo parceiro, povo empreendedor.*

**PROSER**  
Programa de Saneamento Ambiental Integrado  
e Inclusão Socioeconômica do Acre



**Banco  
Mundial**